

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM SÃO LUIZ GONZAGA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA: LICENCIATURA**

SALETE MENDES DE OLIVEIRA

**USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: PRODUÇÃO DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO DIGITAL?**

SÃO LUIZ GONZAGA

2023

SALETE MENDES DE OLIVEIRA

**USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: PRODUÇÃO DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO DIGITAL?**

Trabalho de conclusão de curso Apresentado
como requisito final para obtenção de
Graduação em Pedagogia – Licenciatura, da
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
- Unidade Universitária em São Luiz
Gonzaga.

Orientadora: Professora Dra. Rita Cristine
Basso Soares Severo

**SÃO LUIZ GONZAGA
2023**

Catálogo de Publicação na Fonte

O48u	<p>Oliveira, Saete Mendes de. Uso das tecnologias digitais na educação de jovens e adultos: produção de inclusão/exclusão digital? / Saete Mendes de Oliveira. – São Luiz Gonzaga, 2023. 61 f.</p> <p>Orientadora: Profa. Rita Cristine Basso Soares Severo.</p> <p>Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Unidade em São Luiz Gonzaga, 2023.</p> <p>1. Docência. 2. Tecnologias Digitais.3. Educação de jovens e adultos. I. Severo, Rita Cristine Basso Soares. II. Título.</p>
------	---

Ficha catalográfica elaborada por Laís Nunes da Silva CRB 10/2176

SALETE MENDES DE OLIVEIRA

**USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: PRODUÇÃO DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO DIGITAL?**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito parcial para
obtenção de título de Pedagogia – Licenciatura
na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador (a): Profª Drª Rita Cristine Basso
Soares Severo

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Profª Drª Rita Cristine Basso Soares Severo
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/ UERGS
Orientadora

Profª Drª Viviane Maciel Machado Maurenre
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/ UERGS

Profª Ma Édila Dutra da Silva
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/ UERGS

Conceito Obtido: _____

São Luiz Gonzaga, Julho de 2023.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sobretudo por ter me iluminado e concedido muitas graças.

A meus Pais, que me deram a vida, cuidaram de mim, me ensinaram o caminho correto a seguir, mostrando como ser e agir com o outro. Onde minha Mãe Leda Maria Lorenzi Mendes com sua fé inabalável sempre me orientou a crer em Deus e agradecer por tudo, me ensinou que nas horas difíceis dobrasse meus joelhos e orasse com fé, e, nas vitórias dobrasse meus joelhos e agradecesse.

A meu saudoso pai Dalvo Martins Mendes agradeço pelas inúmeras vezes que acreditou em mim, sempre me encorajando a seguir em frente e que não enfatizasse as dificuldades, sempre repetindo que eu poderia ir até onde eu ousasse sonhar. Quanta Saudade Pai.

A meu primeiro e único Amor Oromar Peixoto de Oliveira por ser meu companheiro de todas as horas.

A meu amado Filho Leonardo Mendes de oliveira, principal motivo do meu retorno ao mundo Acadêmico.

As minhas irmãs Gladis, Cristina e Rozane que vibraram comigo cada semestre cursado.

A minha Amiga/Irmã Cidiane que esteve comigo durante toda caminhada acadêmica, companheira para estudos, trabalhos ... que riu e chorou comigo. Sua amizade amenizou meus dias de dor, suas orações fortaleceram a esperança de vencer os desafios que a vida colocou no meu caminho. Muito obrigada por todas as horas que dedicaste a nossa amizade.

E, finalmente, agradeço às minhas colegas, professores e orientadora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/UERGS, que ao longo do curso, demonstraram grandiosidade, ao me fazer acreditar no meu potencial, compartilhando sabedorias, assim como pelo carinho, compreensão, estímulo e comprometimento que dedicaram para que eu pudesse concluir mais esta etapa. Tenho profunda admiração por todos vocês, foram muito importantes na minha vida.

Obrigada por fazerem parte da minha caminhada.

“A nobreza de nosso ato profissional está em acolher aquela pessoa por inteiro, em conhecer a sua história, em saber como chegou a esta situação e como é possível construir com ela formas de superação deste quadro. Se reduzirmos a nossa prática a uma questão urgente, a uma questão premente, retiramos dela toda a sua grandeza, pois os deixam de considerar, neste sujeito, a sua dignidade humana”.

Dr^a Maria Lúcia Martinelli

[...] a partir de ações políticas, tomadas, assumidas e vivenciadas por todos os integrantes do sistema educacional, que as tecnologias da informação e comunicação poderão constituir-se em elementos estruturantes de novos territórios educativos, territórios abertos, dinâmicos, característicos de uma escola aprendente. Caso contrário, o modelo de educação continuará o mesmo [...].
BONILLA (2005, p. 212)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema: Uso das Tecnologias Digitais na Educação de Jovens e Adultos: Produção de Inclusão/Exclusão digital? Tem como objetivo analisar as dificuldades e desafios dos estudantes da Educação de jovens e adultos em relação ao uso das tecnologias digitais. Apresenta como objetivos específicos: identificar quais as dificuldades e desafios enfrentados pelos estudantes da EJA em relação aos usos das tecnologias digitais; Entender de que modo os docentes utilizam as tecnologias digitais nas suas práticas pedagógicas; Reconhecer de que forma a escola e os docentes atuam com os estudantes que não possuem acesso às tecnologias digitais; Conhecer a realidade vivenciada pelos estudantes para então pensar formas de enfrentamento as principais dificuldades por eles enfrentadas. O referencial teórico que aborda ~~sobre~~ a Formação de Professores; à docência e as tecnologias digitais; as tecnologias digitais e a educação; a educação de jovens e adultos no contexto brasileiro; a EJA no contexto contemporâneo e os sujeitos estudantes da EJA. Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema, entrevista semiestruturada e aplicação de questionário junto aos estudantes das turmas T5 e T6 de uma escola municipal da cidade de São Luiz Gonzaga. Os dados obtidos foram analisados por procedimentos metodológicos qualitativos. Os resultados apontam que as tecnologias digitais, mesmo que de forma limitada, estão presentes no cotidiano dos estudantes da EJA e que seus usos ocorrem para diferentes fins, mas, sobretudo, de entretenimento. Por outro lado, foi possível constatar também que os sujeitos que frequentam essa modalidade de ensino têm a percepção de que tais usos nas práticas pedagógicas podem contribuir para a construção de diferentes conhecimentos, inclusive escolares.

Palavras-chave: Docência. Tecnologias Digitais. Educação de jovens e adultos.

ABSTRACT

This Final Course Paper entitled "The Use of Digital Technologies in Youth and Adult Education: Producing Digital Inclusion/Exclusion" aims to analyze the difficulties and challenges faced by students in Youth and Adult Education regarding the use of digital technologies. The specific objectives are: to identify the difficulties and challenges faced by the Brazilian program "Youth and Adult Education" (EJA) students regarding the use of digital technologies; to understand how teachers use digital technologies in their pedagogical practices; to recognize how schools and teachers assist students who do not have access to digital technologies; to understand the reality experienced by students in order to elaborate strategies to overcome their main difficulties. The theoretical reference that covers topics such as Teachers Education, teaching and digital technologies, digital technologies and education, Youth and Adult Education in the Brazilian context, contemporary Youth and Adult Education (EJA) and its students subjects. For the development of the research, a bibliographic review was carried out through semi-structured interviews and a questionnaire survey were conducted to students from classes T5 and T6 of a municipal school in the town of São Luiz Gonzaga, Brazil. The collected data were analyzed by qualitative methodological procedures. The results indicate that digital technologies, even in a limited way, are present in the daily life of Youth and Adult Education (EJA) students and that their uses occur for different purposes, but, primarily for entertainment purposes. On the other hand, it was also possible to verify that the subjects who attend this teaching modality have the perception that such uses in pedagogical practices can contribute to the construction of different knowledge, including school ones.

Keywords: Teaching. Digital Technologies. Youth and Adult Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CAPÍTULO I - FORMAÇÃO DE PROFESSORES	13
2.1 A DOCÊNCIA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS	16
2.2 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E A EDUCAÇÃO.....	18
2.3 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO BRASILEIRO	22
2.4 A EJA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO.....	24
2.5 OS SUJEITOS ESTUDANTES DA EJA	30
3 CAPÍTULO II – PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	34
3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA	35
3.1.1 Pesquisa exploratória	36
3.1.2 Pesquisa explicativa	36
3.2 FERRAMENTAS DA PESQUISA	36
3.2.1 Entrevista semiestruturada	36
3.2.2 Sujeitos da pesquisa	37
3.2.3 Produção das Informações	37
3.2.4 Análise das informações	38
3.2.5 Estudantes da EJA e os usos das tecnologias em sua vida	39
3.2.6 Recursos tecnológicos utilizados	45
3.2.7 Utilização das tecnologias na escola	47
3.2.8 Visão dos estudantes sobre o uso das tecnologias digitais	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56
ANEXOS	59
APÊNDICE – Questionário da Entrevista Semiestruturada	62

1 INTRODUÇÃO

O mundo tecnológico está cada vez mais presente no cotidiano social e no contexto educacional, trazendo inovações no ensino e desafios para a escola, professores e estudantes. Percebe-se que entre as dificuldades apresentadas pela escola está em saber utilizar a tecnologia como suporte para novas aprendizagens, pois a multiplicidade de informações, dificulta a escolha do que é mais significativo e eficiente para a mediação do conhecimento.

A educação de jovens e adultos, como parte da Educação básica, é hoje um espaço onde o acesso às tecnologias é limitado, desde a Constituição Federal de 1988, a legislação prevê o direito à educação para toda a população, inclusive para aquelas pessoas que não tiveram acesso à escola em idade apropriada, na infância ou na adolescência. Dessa forma, é dever do governo federal, bem como de estados e municípios, assegurar a oferta pública e gratuita de educação escolar para jovens e adultos. Entretanto, apesar da previsão de direitos e deveres, passados mais de 30 anos, as estatísticas nacionais não deixam dúvidas sobre os desafios enfrentados pelo país para assegurar a educação de todos, em especial daqueles que tiveram seus direitos violados quando crianças ou adolescentes.

Considerando as realidades sociais em nosso país, a desigualdade racial, econômica e de gênero aparece também no perfil das turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A falta de oportunidade dos estudantes em relação ao acesso às tecnologias digitais. Sabendo da invisibilidade que alguns grupos sociais sofrem dentro da sociedade, é interessante evidenciar que tal cenário se perpetua dentro da educação, fazendo assim com que seja necessária uma intervenção pedagógica e uma maior atenção da comunidade escolar a respeito das práticas pedagógicas com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), com a finalidade de tornar o ambiente mais inclusivo e reforçar a importância da visibilidade e voz que a diversidade cultural deve receber.

A pesquisa intitulada “Uso das Tecnologias Digitais na Educação de Jovens e Adultos: Produção de Inclusão/Exclusão digital”, configura-se como um trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cujo Objetivo Geral é analisar as dificuldades e desafios dos estudantes da Educação de jovens e adultos e relação ao uso das tecnologias digitais. Tem como Objetivos Específicos

Identificar quais as dificuldades e desafios enfrentados pelos estudantes da EJA em relação aos usos das tecnologias digitais; Entender de que modo os docentes utilizam as tecnologias digitais nas suas práticas pedagógicas; Reconhecer de que forma a escola e os docentes atuam com os estudantes que não possuem acesso às tecnologias digitais; Conhecer a realidade vivenciada pelos estudantes para então pensar formas de enfrentamento as principais dificuldades por eles enfrentadas.

Este trabalho teve como desafio primordial desenvolver um estudo ligado à docência, demonstrando a construção teórico-prática a partir de nossas vivências ao longo do curso e das aprendizagens dele decorrentes. O presente trabalho está dividido em capítulos, sendo que o primeiro capítulo estará subdividido nos seguintes itens: Formação de professores; A docência e as tecnologias digitais; As tecnologias digitais e a educação; A educação de jovens e adultos no contexto brasileiro; A EJA no contexto contemporâneo e Os sujeitos estudantes da EJA. Já o segundo capítulo que trata sobre os Percursos Metodológicos contará com as seguintes temáticas: Características da pesquisa; Pesquisa exploratória; Pesquisa explicativa; Ferramentas da pesquisa; Entrevista semiestruturada; Sujeitos da pesquisa; Produção das informações e Análise das informações.

2 CAPÍTULO I - FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A educação brasileira, ainda hoje, traz as marcas das pedagogias tradicionais em seus currículos, apesar de muitos avanços em direção a construção de pedagogias mais ativas e de construção de novos conhecimentos. Nesta direção, quando falamos em formação de professores, obrigatoriamente precisamos ter em mente de que professor estamos falando? Um professor crítico, propositivo, destemido, criativo, dinâmico, autônomo. A formação docente tem priorizado cada vez mais a construção de uma nova identidade docente que esteja alicerçada em conceitos éticos, investigativos sendo ao mesmo tempo críticos e reflexivos.

Segundo Pimenta (1999), as recentes tendências investigativas relacionadas a formação de professores têm valorizado o que denominam de professor reflexivo, contrariando a racionalidade técnica que marcou durante certo tempo o trabalho e a formação de professores.

Na perspectiva da autora (1999, p.29):

Formação é na verdade autoformação, uma vez que os professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos espaços escolares. É nesse confronto e num processo coletivo de práticas que os professores vão constituindo seus saberes como *praticum*, ou seja, aquele que constantemente reflete na e sobre a prática.

Tomando como referência a autora destacada, percebemos que na atualidade a formação do professor está tendo um novo olhar para a educação, o ensinar passa a ter um novo objetivo, deixa de ser uma transmissão de conhecimento para adquirir uma nova versão onde o ofício do professor deixa de ser bancário e passa a exercer um papel importantíssimo na caminhada acadêmica dos discentes.

Segundo Nóvoa (1992, p.12)

A formação de professores pode desempenhar um papel importante na configuração de uma “nova” profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas.

Tomando como referência as análises do autor, neste momento o professor deixa de ser visto apenas como uma pessoa detentora de conhecimento e passa a exercer um papel muito maior, começa a ser visto como um sujeito capaz, que através de um processo contínuo de formação deixa de ser apenas um transmissor de conhecimento e passa a ser visto como um profissional crítico, capaz de promover mudanças no ensino.

Alguns docentes hoje vivem uma constante busca por práticas pedagógicas transformadoras onde o conhecimento deve ser continuamente reavaliado e atualizado com práticas educacionais que satisfaçam as necessidades da atualidade e assim redefinindo os saberes docentes.

Nóvoa (1992, p.13) destaca que:

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional.

Na perspectiva freiriana, o ato de educar deve ser visto como um instrumento de transformação. É através dele que os indivíduos se tornarão sujeitos políticos e capazes de transformar realidades. A educação deve proporcionar a todos a igualdade e não a desigualdade, mas não é o que vemos. Apresento como exemplo a inclusão digital que ao nosso olhar pode ser vista como uma forma de excluir, que tem como objetivo incluir os estudantes no mundo digital para que os mesmos possam ter voz e vez neste mundo tão competitivo, mas quem realmente tem condições de se preparar? Quem são os estudantes que possuem conhecimento para compreender o que essa tecnologia exige?

Será que é aquele estudante da EJA, ou aquele que tem acesso a uma boa educação, que possuem no seu dia a dia equipamentos tecnológicos que lhe oportunizam aprendizados significativos, enquanto muitos mal sabem reconhecer as letras?

Percebemos que a educação não é igual para todos, que ao passo que um estudante não possui as mínimas condições de vida, como exemplo a

alimentação, como poderá ele ficar em uma sala de aula com fome, que aprendizado terá este estudante?

Acreditamos que o modelo ideal de escola seria aquele que todos tivessem os mesmos direitos, que possuíssem acesso a qualquer tipo de conhecimento sem perder a liberdade de questionar ou poder contribuir com a mesma. Desejamos uma educação transformadora, que de aos sujeitos o direito de participar de forma igualitária e justa, onde seus direitos sejam não somente reconhecidos que sejam efetivados verdadeiramente, uma educação libertadora para todos.

Percebemos que a construção da identidade do professor, conforme Pimenta citada por Nunes (2001, p. 34), passa, necessariamente, pela mobilização dos saberes da experiência (PIMENTA, APUD NUNES, 2001, p. 34), constituídos pela prática docente, cada vez mais valorizada na formação do professor. Sendo muito importante que o professor esteja sempre reavaliando seus saberes em busca de novos conhecimentos, visto que a atividade profissional do professor pode ser caracterizada como uma atividade de mediação não só entre o estudante e a cultura, mas também entre a sociedade e seus ideais. Desta forma entendemos que o fazer profissional do docente deva estar constantemente buscando ressignificação dos saberes, e, por conseguinte, da identidade do professor.

Na fluidez do contexto contemporâneo impõe-se repensar a docência, os papéis do professor e do estudante, na aposta de que a condição de ser docente implica a possibilidade de dizer e participar do mundo da vida como ator social.

O fazer profissional do docente possui sua especificidade o que acaba oportunizando uma troca de saberes, onde o docente não se utiliza somente da teoria para exercer suas atividades, utiliza também suas experiências de vida adquiridas através da prática pedagógica, como nos ressalta Tardif (2014).

Percebemos que o ser professor exige saberes fundamentais para a prática, mas em momento algum podemos deixar de sermos humanos, devemos sim assumir a responsabilidade como sujeito da produção do saber, entendendo que ensinar não se constitui em ser apenas um transmissor do conhecimento, mas criar as melhores oportunidades para a sua construção, percebemos isto no que Freire (2009, p. 23) nos diz

Ensinar não é transferir conhecimentos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar de diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Na medida em que vamos tendo mais clareza a respeito das opções que temos e nos percebemos políticos enquanto educadores, entendemos melhor as razões pelas quais devemos ter medo e entendermos o quanto temos ainda de caminhar para melhorar nosso fazer pedagógico e termos uma verdadeira democracia.

2.1 A DOCÊNCIA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

A tecnologia está cada vez mais visível no cotidiano social e no contexto educacional, trazendo inovações no ensino e desafios para a escola, universidade, professores e estudantes. Percebe-se que entre as dificuldades apresentadas está em saber utilizar a tecnologia como suporte para novas aprendizagens, pois a variedade de acessos traz informações diversificadas, dificultando a escolha do que é mais significativo e eficiente para a mediação do conhecimento.

A influência das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na sociedade e no processo educativo modifica percepções, pensamentos e altera o estabelecimento das interações e relações entre as pessoas.

As tecnologias da informação e comunicação constituem uma parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer as aprendizagens. Como qualquer ferramenta, devem ser usadas e adaptadas para servir a fins educacionais e como tecnologia assistiva; desenvolvidas de forma a possibilitar que a interatividade virtual se desenvolva de modo mais intenso, inclusive na produção de linguagens. Assim, a infraestrutura tecnológica, como apoio pedagógico às atividades escolares, deve também garantir acesso dos estudantes à biblioteca, ao rádio, à televisão, à internet aberta às possibilidades da convergência digital. (BRASIL, 2013, p. 22).

A utilização das ferramentas tecnológicas é um passo essencial para que a educação acompanhe as mudanças e avanços provocados na sociedade e no

modo de estabelecer a comunicação, trazendo metodologias e estratégias inovadoras para o processo de mediação do conhecimento. O caminho apresentado propõe a quebra do paradigma onde o professor é o centro do processo, deslocando a ação para o sujeito da aprendizagem, investindo no uso da criatividade e autonomia do estudante.

Refletir sobre a importância desses recursos tecnológicos é permitir e estimular contato dos estudantes com novas linguagens, aproximando os conteúdos escolares às novas gerações. Esse contato com as TDICs estimula no educando a praticidade, a criticidade, a qualidade do que é ensinado, o envolvimento ativo, o interesse contínuo e o preparo para usufruir dos recursos de forma consciente.

É fato que as tecnologias digitais se fazem presente no cenário atual e no contexto escolar não é diferente, visto que são utilizadas em diferentes funcionalidades. Os *notebooks*, *tablets*, *smartphones* estão inseridos na vida das pessoas e são usados com frequência por boa parte da população. Assim, percebemos que a tecnologia digital se é inerente à vida dos seres humanos hoje, não sendo mais possível desconsiderá-la em nenhum âmbito, inclusive no educacional. Diante disso, Públio Júnior (2018) enfatiza a necessidade de que as escolas e, conseqüentemente, os professores, repensem os processos de ensino-aprendizagem e avaliação nos quais se pautam, desenvolvendo práticas inovadoras, a partir da utilização das TDICs.

Em conformidade com Antonio (2010), para que isso seja possível é preciso que tanto os estudantes quanto os professores aprendam a usar o recurso antes de propô-lo como parte de uma atividade e/ou procedimento de resolução do problema, além de discutir as questões éticas e morais envolvidas no uso de imagens e registros, bem como o uso indevido dos celulares e de outros equipamentos de mídia em situação de aprendizagem.

Diante desse contexto é necessário que a escola se adapte a essas mídias, para que se torne um espaço de conhecimentos dinâmicos e atrativos aos estudantes proporcionando aos professores a oportunidade de serem mediadores entre o conhecimento escolar e o conhecimento que pode ser buscado nas mídias. Essa inclusão digital possibilita a criação de uma sintonia

entre professor e estudante, contribuindo para uma aprendizagem mais dinâmica, lúdica e significativa.

Sabemos que uma das funções da escola é educar para a vida, formando cidadãos éticos no processo de ensino-aprendizagem. Para despertar a consciência crítica do indivíduo, ratificando que ensinar não é uma simples transmissão de conhecimentos, é necessário pensarmos a educação como uma ponte para a construção de conhecimentos de sujeitos que saibam lidar com os meios tecnológicos que a sociedade oferece.

Por meio das transformações tecnológicas o docente acaba ganhando novas formas de ensinar e chamar a atenção de seus educandos para os conhecimentos a serem compartilhados, fazendo com que os educandos saibam utilizar as possibilidades a eles disponibilizadas.

[...] dos laptops mais baratos aos telefones que fazem de tudo, surgem instrumentos, cada vez mais ao alcance de todos, que abrem novas perspectivas para a pesquisa, o transporte e consumo de bens culturais, a troca de mensagens e para atividades de autoria de diversos tipos. O desafio que se coloca para a escola é o de saber explorar essas possibilidades (RISCHBIETER, 2009, p.56).

Ao usar as tecnologias e os suportes que as mesmas oferecem, o professor estará contribuindo para a formação de sujeitos preparados para interagirem com o mundo digital. Em vista disso, o uso das TICs como ferramenta pedagógica auxilia o processo de adaptação dos conteúdos programáticos previstos às necessidades dos estudantes, criando conexões com o cotidiano, na busca de transformar a sala de aula em um espaço com muitas possibilidades de aprendizagem.

2.2 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E A EDUCAÇÃO

Segundo Castells (2002), vivemos em uma sociedade denominada como Sociedade da Informação que se caracteriza pela expansão do acesso à informação e das tecnologias, flexibilidade de configurações para comunicação em rede e convergência de recursos. Para Moran (2007), uma das dificuldades desse contexto é a de que temos muito acesso à informação e por isso dificuldade em escolher quais são significativas.

Para a educação, as tecnologias digitais se apresentam como novos recursos didáticos a serem utilizados nas salas de aula, são vistas como uma metodologia com força, que possui um caminho promissor para a inovação do processo de ensino-aprendizagem, que transcendem os espaços físicos das instituições educacionais (KENSKI, 2013). Porém, para que isso aconteça, é necessário que as tecnologias digitais na educação sejam vistas como uma abordagem que proporcione aos professores reflexão sobre o seu papel como mediador da construção do conhecimento, que sejam utilizadas como instrumentos para esta mediação, visto que sem esta compreensão as tecnologias digitais se tornam apenas recursos para práticas falidas de uma educação bancária como nos diz Freire.

Com a chegada das tecnologias uma mudança de paradigmas no espaço de aprendizagem escolar foi provocada. O professor deixou de ser o detentor único e exclusivo do conhecimento e passou a ser mediador de um processo, em que existe uma troca de informações, o estudante deixa de ser um agente passivo para ser sujeito de sua própria aprendizagem, que deve ser mediada pelo professor, sem que este tenha receio da possibilidade de autonomia do estudante e perceba que mesmo com a tecnologia na sala de aula ele jamais perderá o seu lugar.

Entretanto, para que isso se efetive faz-se necessário que o professor busque apropriar-se dessas tecnologias a fim de usá-las como aliadas no processo de ensino aprendizagem e não como concorrentes.

[...]o desafio que se impõe hoje aos professores é reconhecer que os novos meios de comunicação e linguagens presentes na sociedade devem fazer parte da sala de aula, não como dispositivos tecnológicos que imprimem certa modernização ao ensino, mas sim conhecer a potencialidade e a contribuição que as TIC podem trazer ao ensino como recurso e apoio pedagógico às aulas presenciais e ambientes de aprendizagem no ensino a distância (PEÑA, s/d, p. 10).

Como as informações chegam até nós em uma velocidade inimaginável, trazendo dados, imagens, notícias e até mesmo *fake news* de forma rápida e atrativa, cabe ao professor o papel de selecionar conteúdos atuais e interessantes que instiguem os educandos a realizar a interpretação do mundo, relacionando e contextualizando de acordo com a realidade que estão inseridos,

promovendo uma aprendizagem significativa, a fim de estimular a criatividade e criticidade. Percebemos a necessidade de não só o educador, como também o educando estar preparado, com maturidade para assumir uma nova postura, com um papel crítico, pesquisador e atuante para produzir conhecimento.

Com apoio das Tecnologias Digitais, a aprendizagem teve suas possibilidades ampliadas, com inúmeras formas de trazer conteúdos, de modo rápido e com diversas possibilidades de serem trabalhados permitindo desta forma criação de atividades de autoria e colaboração, incentivando o desenvolvimento da criatividade e criticidade. No entanto, faz-se necessária uma compreensão da complexidade da educação, para além do domínio de uso das tecnologias, de modo que essas se incorporem aos processos educativos como potencializadoras do ensino-aprendizagem, o que requer formação docente.

Dessa forma, compreendemos que a integração das tecnologias na educação necessita passar por um amadurecimento, tendo em vista as novas demandas e papéis, as práticas de ensino-aprendizagem precisam ocupar um papel que faça sentido, que vise ampliar o conhecimento dos educandos. Neste momento, percebemos a importância de o professor ter domínio e conhecer a melhor forma de trabalhar o material buscado nas tecnologias digitais, visto que quando não se possui conhecimento, “qualquer” conteúdo pode ser visto como adequado.

Pensar a formação de professores para o ato de “ser” educador numa sociedade globalizada e mediada pelas tecnologias da informação e comunicação requer uma adequação dos métodos e processos de ensino e aprendizagem utilizados pelas instituições formadoras desses profissionais. Permitindo que os mesmos experienciem situações reais de autonomia na construção de suas aprendizagens, para que sejam capazes de mudar, significativamente as práticas pedagógicas existentes nas escolas. (NORA; DUARTE E SCHEID, 2017, p.116).

É necessário refletir sobre a formação de professores e pensar o papel das escolas, no sentido de preparar educadores capazes de enfrentar ocasiões desafiadoras da docência. A chegada das tecnologias provoca mudança de paradigmas no espaço de aprendizagem escolar.

Nesse cenário, podemos perceber que o maior desafio dos professores é compreender as novas tecnologias como aliadas do processo de ensino-

aprendizagem. Muitos educadores ainda possuem a forma tecnicista de ensinar, engessando o conhecimento somente na teoria e em livros didáticos. Dessa forma, é necessário que as formações continuadas e os ambientes formativos façam com que o educador reflita e pesquise sobre o tema abordado, utilizando experiências práticas do uso na mediação do conhecimento. Destaca-se que o educador não deixa de ter importância na construção de aprendizagem do estudante, mas passa a ser um componente principal nesse processo, tendo que utilizar esse recurso para enriquecer sua prática educativa.

Tablets, wifi, ebooks, gadgets, notes e nets. Facebook, blogs, tubes, wikis, tweets. Acesso imediato, interatividade, informação total. As tecnologias de informação e comunicação estão mudando dramaticamente as formas de trabalho, de socialização, de comunicação e, como não poderia deixar de ser, da aprendizagem. (SABBATINI, 2011, p. 1, grifo do autor).

Utilizar metodologias ativas e tecnologia em sala de aula, apresentando imagens que trabalham problematizações de situações cotidianas, criando espaços e tempos de experimentação, possibilitam maior engajamento e interatividade por parte dos estudantes. Neste sentido, os educadores precisam desenvolver relações entre a escola e o uso de mídias e tecnologias nas aulas para que esses recursos possam contribuir para a aprendizagem do estudante, transformando toda a informação adquirida em conhecimento.

É necessário ter cuidado ao trabalhar essas tecnologias em aula, visto que seu uso pode aperfeiçoar e transformar o ensino, assim como pode prejudicar o processo de aprendizagem se não for utilizado de forma apropriada e adequada.

Muitos dados, muita informação não significa necessariamente mais e melhor conhecimento. O conhecimento toma-se produtivo se o integramos em uma visão ética pessoal, transformando-o em sabedoria, em saber pensar para agir melhor. (MORAM, 200, p.22).

Podemos dizer que a educação enfrentou grandes desafios e dificuldades na forma de ensinar durante a pandemia da COVID-19, pois o ensino foi totalmente transformado, aliando-se à tecnologia. Para Charlot (2005), essa transformação fez com que os educadores buscassem ampliar seus

conhecimentos no que diz respeito à tecnologia digital, desafiando os estudantes a transformar a informação recebida em conhecimento.

Podemos compreender que os desafios de implementar a tecnologia em sala de aula vêm sendo enfrentados desde a pandemia da COVID-19 e continua até os dias de hoje, já que muitos profissionais da educação possuem pouco conhecimento, aperfeiçoamento ou instrução para tal. Nessa perspectiva, os professores necessitam de constante atualização, cursos profissionalizantes, acesso à informação e instrução adequada sobre o uso das novas tecnologias, objetivando a construção de autonomia e do saber selecionar conteúdos tecnológicos que influenciem de forma positiva na construção de saberes de seus estudantes. Dessa forma, a formação docente se fez necessária, visto que o prisma educacional vem cada vez mais implementando a tecnologia e os estudantes vêm sendo inseridos cada vez mais nesse âmbito virtual e tecnológico.

2.3 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO BRASILEIRO

Em conformidade com Pierro, Joia e Ribeiro (2001), no Brasil, a educação de adultos se constituiu como temática de política educacional a partir dos anos 40. Anteriormente, não havia maior interesse do ponto de vista da formulação política e da reflexão pedagógica, mas com o passar dos anos, essa preocupação em oferecer os benefícios da escolarização à população então excluída, entendida como marginal ou secundária surgiu em sua amplitude nacional, em várias ações e programas governamentais. A abordagem educacional e a educação de jovens e adultos passaram a integrar-se na história da educação do país, consolidando-se parte imprescindível para a democratização do acesso ao conhecimento.

A educação de jovens e adultos é um campo de práticas e reflexão que inevitavelmente transborda os limites da escolarização em sentido estrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando a qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política e um sem número de questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar. (PIERRO; JOIA E RIBEIRO, 2001, p.58).

Apesar de essa ter sido uma grande conquista para o cenário educacional, a educação para jovens e adultos carrega lacunas desde o seu surgimento. Para que haja uma educação de qualidade, adequada à faixa etária, cultura e diversidade dos estudantes, é necessário que os profissionais da educação estejam qualificados para tal ensino e modalidade, trazendo motivação para seus estudantes na forma de ensinar. Educar jovens e adultos perpassa o ensino engessado e as teorias tecnicistas que é marcada pela transmissão do conteúdo. Na perspectiva dos autores Andrade, Andrade e Souza (2015), a educação deve estar associada à aplicabilidade em sua vida cotidiana, para a sua formação pessoal, profissional e cidadã.

Outro aspecto que precisa ser considerado no que tange à motivação é a relação que deve ser estabelecida a todo momento nos espaços formais de aprendizagem entre aquilo que se aprende e a sua aplicabilidade na vida. E isso não deve ser entendido apenas como uma transposição didática dos conteúdos escolares para a vida, mas sim em termos de procurar, como diz Soglia, “inculcar nos educandos a importância da educação para a sua formação pessoal, social e política. (2008,p.5). Nesse contexto, faz-se necessário perceber o currículo para além dos seus aspectos legais, obrigatórios e sim, como instrumento à serviço de uma educação que se proponha construir visões críticas e participativas por parte do estudante, principalmente quando se trata de Jovens e Adultos. (ANDRADE; ANDRADE E SOUZA, 2015, p. 5)

Aprender fórmulas, conteúdos, matérias e teorias das disciplinas objetivando a aprovação não é uma educação que visa a qualificação de seu estudante, muito pelo contrário, essa mesma educação só mostra preocupação com o currículo e o cumprimento deste. É necessário que o estudante da EJA seja instigado pelos saberes adquiridos e que esse conhecimento recebido possa ser aplicado em sua própria existência, em suas vivências e na sua realidade social e cultural. Dessa forma, a educação deve contribuir para um novo olhar e perspectiva de vida e de mundo, fazendo com que o jovem/adulto construa sua formação crítica, autônoma e tenha a motivação para com a educação formal.

Conforme Freire (1979), a Educação de Jovens e Adultos precisa ocorrer dentro do contexto cultural, considerando o estudante como sujeito construtor da aprendizagem, numa visão menos ideológica, sem se apoiar nas relações que o determina ou influencia. A proposta educacional exposta pelo autor se embasa em aspectos primordiais

como, concepções metodológicas, respeito ao educando, diálogo constante e desenvolvimento da criticidade, no qual afirma ser preciso empregar palavras e temas geradores retirados do cotidiano das pessoas, sendo que esses significados produzem impacto no grupo envolvido, pelo motivo de fazer parte de sua existência. (FELICIANO; FERREIRA E DELGADO, 2017, p.6).

Ainda em conformidade com os autores supracitados, podemos compreender que a EJA impõe ao Estado uma nova forma de pensar sobre a educação vigente, de forma a implantar políticas públicas educacionais que condizem com a necessidade de sua clientela e que inclua de forma social metodologias que estejam adequadas à realidade das escolas e ao seu público-alvo.

Devemos entender que os estudantes da EJA se diversificam pela idade, nível escolar, intelectual, pelos seus interesses, por suas vivências e experiências de vida. É necessário que as aulas sejam atrativas e que possibilitem momentos de reflexão, comunicação, exploração de diálogos e que envolvam processos formais e não-formais da vida em sociedade.

A Educação de Adultos engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, no qual pessoas consideradas “adultas” pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A Educação de Adultos inclui a educação formal, a educação não formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, em que os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos. (UNESCO, 2004, p.12)

É fundamental que pensemos a EJA como educação para a cidadania, dessa forma, a didática abordada e as metodologias pedagógicas devem estar alicerçadas para bens e princípios que terão aplicabilidade na vida social, profissional e civil, contribuindo de forma significativa na construção do indivíduo social, bem como no seu espaço no mundo.

2.4 A EJA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

É importante enfatizarmos que a Educação de Jovens e Adultos viveu um processo de amadurecimento que veio transformando a compreensão que dela

tínhamos há poucos anos atrás. A Educação de Adultos é melhor percebida quando a situamos hoje como Educação Popular.

Percebemos isto no instante que a realidade de vida dos educandos é colocada em pauta, no momento que percebemos que ocorreu uma mudança no perfil dos educandos. Há tempos não muito distantes a educação para adultos era procurada por pessoas com mais idade que não tiveram oportunidade de estudar no tempo certo por questões de ordem familiar ou econômica.

Entretanto, nos dias atuais, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem se direcionando por um caminho diferente, visto que existe um número razoavelmente grande de jovens frequentando este espaço.

Tivemos oportunidade de perceber este processo de juvenilização em atividades na universidade em trabalhos realizados na EJA, onde grande maioria dos educandos eram jovens que por transgredir na escola foram “convidados” a se matricular na educação de Jovens e Adultos (EJA).

Apesar dos avanços tecnológicos e a facilidade de produção e comunicação entre pessoas e grupos, há ainda inúmeros fatores pelo qual cada vez mais jovens estão buscando essa modalidade de ensino:

[...] grande número de pessoas ainda passa à distância da educação formal e isso se dá por vários motivos: incompatibilidade entre a necessidade de trabalhar e as rotinas escolares, falta de perspectiva no que tange a um futuro construído sob o viés da educação formal, dificuldades de aprendizagem que promovem inúmeras repetições de séries, distorção idade/série, rotulações que se fazem na história escolar do sujeito e que, muitas vezes, promovem aquilo que se tem por “fracasso escolar”. (ANDRADE; ANDRADE E SOUZA, 2015, p.3).

Isto nos alerta da presença de estudantes muito jovens na EJA que, por concepção, deveria ter como público-alvo estudantes trabalhadores, pessoas adultas ou idosas dos segmentos da sociedade civil. É possível identificarmos que essa perspectiva se dá do insucesso escolar que retrata o problema vivido na escola regular e, também, as características que os identificam no processo de adolescência. Somam-se, ainda, os desafios sociais desses estudantes, em particular a questão do acesso ao emprego e à renda que, muitas vezes, seduz o estudante para o mundo do trabalho, promovendo a exclusão da vida escolar.

Desta forma, não podemos esquecer a relação conflituosa vivida pelo jovem estudante da escola regular diante dos aspectos disciplinares e

pedagógicos, fatores excludentes na perspectiva da interação social e cultural. Estas posturas acabam estigmatizando esse jovem estudante, rotulado como problemático, o que não ocorre com o adulto, que busca de todas as formas avançar no processo de escolarização na EJA.

Verificamos a necessidade de não esquecermos que existe um conjunto de desafios enfrentados pelo jovem da EJA. Nessa perspectiva, é preciso prestar atenção para o fato de repensar a estrutura organizacional da escola que de conta desse novo perfil de estudante que chega à EJA, com base no entendimento de que:

[...]o conhecimento do contexto se relaciona com o local em que se desenvolve o ensino e com as pessoas a quem ele é ministrado. Para cada turma, série e nível de ensino são feitas adaptações ao saber a ser construído. Esses saberes são adquiridos na prática, na vivência do cotidiano escolar. Os professores que atuam na EJA, se não tomarem consciência desses elementos na sua formação, ficarão reféns cada vez mais de práticas modeladoras e de reproduções de práticas bem-sucedidas, que, na maioria das vezes, nada têm a dizer aos seus alunos (**JARDELINO; ARAÚJO, 2014**, p. 158).

Partindo da compreensão dos autores, percebemos que o que a lei preconiza para atender os jovens e os adultos trabalhadores vem sendo distorcido, perdendo o significado e a identidade original, com a presença do jovem estudante excluído da escola de ensino regular, o qual busca um refúgio na EJA, sendo esta a maneira mais rápida para que possa superar as contradições vividas na escola, ou mesmo uma solução para os seus problemas, tendo como o único recurso possível e disponível à inclusão. Percebemos que em alguns casos os estudantes vão até a escola sem perspectiva, apenas vão à escola porque é o que a lei ordena, mas não possuem nenhum motivo que faça ter o desejo de estar ali.

Há alguns anos, o processo de repetência escolar produziu certo número de estudantes excluídos, em sua maioria oriundos da zona rural, fortemente caracterizados pelo analfabetismo extremo e pela falta de oportunidade. Diante dessa situação, é necessário desenvolver políticas públicas que atendam aos perfis dessas disciplinas, incluindo programas de alfabetização e escolarização. A partir desse momento, a EJA assumiu um caráter social inclusivo ao incluir em seus programas recém-chegados que haviam passado

pelo processo de exclusão e tinham histórico de evasão e reprovação acadêmica.

Diante dessa situação, entendemos que é importante configurar novas práticas de ensino para atender às proposições criadas pelas transformações vivenciadas pela EJA por meio do surgimento de novos perfis de estudantes, buscando escolarização e resgate social quando negligenciado. A escola formal não lhe dá oportunidade para obter condições legais legítimas, em termos de idade/série, falta de aceitação e de compreensão, excluído daquele espaço educativo.

Dessa forma, para melhor receber esses estudantes e incluí-los de forma leve, acolhedora e que promova interação social, é necessário que o professor invista em formações continuadas e que estes mesmos profissionais estejam permanentemente comprometidos e pensando sobre o seu fazer, buscando respostas às questões práticas cotidianas, modificando suas metodologias e diversificando seu plano pedagógico com o objetivo de respeitar e formar cidadãos para a vida, tendo o conhecimento ensinado como chave-mestra que auxilia a destravar o futuro próspero e desenvolvido.

Paulo Freire (1996) enfatiza o compromisso do professor com seu fazer e com seu aluno, um compromisso ético. As ideias de democracia, conscientização, transformação, diálogo, respeito ao aluno e de educação como intervenção na realidade estão pautadas nesse compromisso e sem ele não podem ser colocadas em prática. Ribeiro (1999) enfatiza o conhecimento das necessidades de aprendizagem características da idade adulta e da condição de trabalhadores e o desenvolvimento da capacidade de atuar com novas formas de organização do espaço-tempo escolar. (SAMPAIO, 2005, p.25).

Como cada vez mais há o ingresso de jovens nas escolas de EJA, existe uma preocupação com a convivência desses mesmos jovens no mesmo ambiente que pessoas mais experientes, criando uma necessidade subjacente de práticas pedagógicas que agreguem valor e considerem as mudanças etárias vivenciadas em sala de aula. Portanto, precisamos prestar atenção aos conflitos, promovendo a compreensão e o respeito aos saberes, valorizando a trajetória social, histórica e cultural de cada estudante, de forma a contribuir para que tanto o mais jovem quanto o mais adulto não perca o estímulo e desanime

diante das dificuldades e dos obstáculos encontrados nos processos de retorno à sala de aula.

Neste sentido, é necessário pensar na implementação de métodos e práticas pedagógicas que assegurem a permanência na escola formal de jovens e adolescentes para garantir o prosseguimento, o desenvolvimento pedagógico e a formação cívica.

Se pensarmos em quanto a tecnologia pode contribuir nesse processo, podemos observar que computador se tornou um grande aliado na busca do conhecimento, pois se trata de uma ferramenta que auxilia na resolução de problemas e até mesmo no desenvolvimento de projetos. Os *chrome books* ofertados pelo governo auxiliam de forma significativa nesse contato do mundo real com o virtual e é uma ferramenta que deve ser utilizada em benefício do estudante. A internet proporciona ao professor compreender a importância de ser parceiro de seus estudantes, navegar junto com os educandos apontando possibilidades de percorrer novos caminhos, provocando assim a descoberta de novos significados.

Contudo, entendemos que a Internet, além de substituir a transmissão do conhecimento, traz outros tipos de contribuições para a pesquisa e sala de aula, pois através dela os estudantes e professores podem facilmente explorar várias fontes de conhecimento, levantar questões, procurar respostas, solucionar problemas propostos e interagir uns com os outros. (MORAES, 1997, p. 89).

A utilização de mídias pode promover mudanças, contribuindo para a ampliação e o aprofundamento dos conteúdos. A televisão pode privilegiar a imagem, o som e o movimento, apresentando uma alternativa envolvente para aprendizagem, podendo ser utilizada para introduzir temas e demonstrá-los de forma diferente do que acontece todo dia em sala de aula, outro recurso que a televisão proporciona é a aplicação de filmes.

Com os jovens e adultos da EJA, é possível trabalhar filmes que englobem contextos do cotidiano e que resultem em problemáticas a serem debatidas e resolvidas dentro de sala de aula, visando a interação, integração entre o meio, a troca de conhecimento, o desenvolvimento da autonomia, da oratória e pensamento crítico, bem como o desenvolvimento de aspectos sociais e culturais e respeito à diversidade. Todas essas pautas podem e devem ser

abordadas por meio de tecnologias e metodologias ativas que encantem e cativem, trazendo o jovem e/ou adulto mais perto da sua realidade.

Outro fator importante e que pode ser utilizado dentro das salas de aula na EJA são as redes sociais que podem ser trabalhadas nos laboratórios de informática das escolas, entre elas estão os Chats, Blogs, Facebook, Instagram e Twitter. Essas ferramentas auxiliam no desenvolvimento da escrita do estudante e também pode ser uma estratégia para mobilizar, trocar ideias e facilitar a comunicação entre os colegas e professores. Para Garcia (2000, p. 5):

O uso pedagógico das redes oferece a alunos e professores, neste processo, a chance de poder esclarecer suas dúvidas à distância, promovendo, ainda, o estudo em grupo com estudantes separados geograficamente, permitindo-lhes a discussão de temas do mesmo interesse. Mediante esta tecnologia, o aluno sairá de seu isolamento, enriquecendo seu conhecimento de forma individual ou grupal. Poderá fazer perguntas, manifestar ideias e opiniões, fazer uma leitura de mundo mais global, assumir a palavra, confrontar ideias e pensamentos e, definitivamente, na sala de aula não ficará mais confinada a quatro paredes. Isto quer dizer que o uso desta tecnologia poderá criar uma nova dinâmica pedagógica interativa, que se inserida num projeto pedagógico sólido, sem dúvida, contribuirá e muito para a formação moderna dos alunos.

Dessa forma, tanto educando como educadores serão responsáveis pelos processos educativos, tendo na atividade pedagógica um referencial, pois:

[...] a educação é um ato inacabado haja vista que somos seres inconclusos e, constantemente, estamos ensinando e aprendendo ao mesmo tempo. Só ensina e aprende quem está aberto ao outro e, conseqüentemente, ao diálogo; e não por haver diálogo pautado na superioridade de um sobre o outro [...] (LOPES; AMORIM, 2018, p. 108).

Deste modo, avaliamos o modelo de escola de EJA que contemple tamanha multiplicidade de caracteres individuais de sujeitos e multietariedade que, na prática pedagógica humanizadora não assuma um caráter de infantilização, para atender ao grande número de adolescentes que nela estão inseridos.

Na perspectiva humanizadora, a EJA acolhe os educandos que não tiveram acesso à escola no passado, ou dela foram excluídos, reconhecendo que esses têm uma vida rica em aprendizagens a ser valorizada. Sendo assim, mesmo com toda a variância de faixa etária e de histórico de vida, corroboramos

a ideia da adoção de uma proposta de prática pedagógica que não venha a ser mais um motivo de conflito entre professor e educando. Numa sala de aula heterogênea, como ocorre na EJA, o professor deve propor uma prática pedagógica que agregue todas as redes de saberes, tecida nos seus variados espaços/tempos e de experiências. Diante desses recursos e alternativas apresentadas, Moraes (1994, p. 94) afirma que:

Diante desses recursos e alternativas apresentadas, Moraes (1994, p. 94) afirma que: O ofício do professor é fazer e aprender por meio dos novos ambientes de aprendizagem, a fim de substituir a pedagogia rígida tradicional por uma pedagogia que desenvolva competências como o aprender a buscar informações, compreendê-la e saber utilizá-las na resolução de problemas. Criando reflexões sobre a ação pedagógica, percebe-se o quanto é relevante o uso das tecnologias em sala de aula, uma vez que, a utilização destes recursos, pode propiciar um processo de ensino-aprendizagem mais ativo e significativo.

Percebemos na escrita de Moraes que é fundamental que os estudantes estejam em constante busca por novas metodologias que não apenas transmita conhecimento, mas sim desenvolva no educando a consciência de qual o motivo de ser trabalhado determinado conteúdo, e as tecnologias digitais abrem um leque gigantesco, trazendo informações de forma atrativa instigando o educando a pesquisar, mostrando possibilidades de encontrar respostas as questões estudadas e ainda possibilitando ao educando se tornar um sujeito crítico, não aceitando respostas mecânicas, engessadas em conteúdos trazidos de forma bancária como Freire tanto enfatiza.

2.5 OS SUJEITOS ESTUDANTES DA EJA

Os estudantes da EJA são pessoas que por algum motivo não tiveram oportunidade de frequentar uma instituição de ensino na idade correta, por diversos motivos: pode ser devido à necessidade de ter que ajudar na renda familiar, desempenharem determinadas tarefas domésticas ou rurais. Há também aqueles que entraram muitas vezes na escola, mas pelas dificuldades enfrentadas em termos de ensino-aprendizagem acabam saindo. Os sujeitos da EJA são aqueles que moram em diversas localidades da cidade, geralmente possuem vulnerabilidade social e alguns são do interior.

Ao analisarmos os sujeitos estudantes da EJA que fazem parte da T5 e T6 na qual foi realizada a pesquisa, percebemos que a turma é formada por 7 estudantes, destes, 2 são do sexo masculino e 5 do sexo feminino. A idade varia entre 15 anos e 44 anos.

Verificamos que os estudantes da T5 e T6 são pessoas que apresentam dificuldades de aprendizagem significativas, possuem visível a distorção idade série. Percebemos que os sujeitos encontram dificuldades de leitura e interpretação, alguns analfabetos ou analfabetas funcionais, ou seja, aqueles que possuem um nível de conhecimento, mas não dominam o mundo letrado, sabem ler, escrever, fazer contas, mas não possuem a compreensão do ato em si.

Dentre os educandos das duas turmas, há também pessoas não possuem o domínio da escrita e precisam de auxílio de outras pessoas para escrever o que necessitam, causando constrangimento e mal-estar dentro da sala de aula e em outros espaços sociais.

A educação para Jovens e Adultos tem suas especificidades culturais, sociais e etárias. São sujeitos que de alguma forma foram excluídos da sociedade letrada impedindo-os de participar ativamente nas questões políticas, culturais e sociais desta sociedade moderna. Em grande maioria, são pessoas que moram nos arredores da cidade ou na zona rural, vindos para a cidade na expectativa de uma melhoria de vida. Ao adentrarem nessa nova realidade, percebem que o mercado de trabalho impõe estudo e a necessidade de uma qualificação profissional. Assim, muitas vezes, veem-se obrigados a desempenhar funções em empregos terceirizados.

Tendo em vista essas dificuldades eles buscam na instituição de ensino uma oportunidade para poder aprender saberes, conhecimentos e conteúdo que não sabem. Visam conquistar autonomia na escrita com a intenção de poder encontrar uma melhor oportunidade de trabalho ou para acompanhar as atividades escolares dos filhos, tarefa simples para muitos, mas para aquele que não sabe ler é algo, no mínimo, constrangedor.

Ao se falar em Educação de Jovens e Adultos, algo que tem de ser levado em consideração é a questão do analfabetismo no país que impõe dificuldades no que tange ao desenvolvimento econômico e social e que, na visão de Haddad (2000) não pode ser considerado como algo do passado ou mesmo como um problema simples que, com

o passar do tempo será solucionado sem demandar maiores intervenções. Para o autor, o problema do analfabetismo é uma questão muito complexa, que deve ser compreendido como fenômeno engendrado no momento presente da sociedade e que, por sua vez, exige a adoção de políticas públicas “consistentes, duradouras e articuladas a outras estratégias de desenvolvimento econômico, social e cultural”. (ANDRADE; ANDRADE E SOUZA, 2015, p.3).

Percebemos que o analfabetismo ainda se faz presente nos dias atuais, os aspectos que fazem com que esse fenômeno ocorra é a necessidade de trabalhar para contribuir na renda familiar, dificuldades que enfrentam dentro da própria família impedindo-os de estudar, violência doméstica ou até mesmo desinteresse pelos estudos (muitas vezes é o caso dos jovens que se envolvem cedo na marginalidade em busca de melhores condições financeiras). Pessoas que tem interesse de estudar, mas encontram dificuldade de deslocamento, falta de incentivo e etc.

Na educação da EJA é necessário que o professor não trate os estudantes como crianças, a infantilização das atividades é algo desmotivador. É necessário termos a compreensão de que são estudantes com especificidades diferentes e assim podemos usar como ferramenta o dia-a-dia desses educandos, fazendo que despertem interesse em continuar estudando, vendo a importância da educação ao longo da vida. Muitos têm uma visão equivocada em relação à EJA, acham que é o supletivo, buscando na EJA uma formação rápida e compacta.

O perfil do estudante da EJA é aquele jovem e/ou adulto com dificuldade no processo de alfabetização, muitas pessoas pensam que a EJA permanece como o mesmo sistema das escolas de ciclo normal de anos atrás, e este fator acaba levando muitos estudantes a terem barreiras intransponíveis na educação. Percebemos que vários educandos começam a frequentar a EJA e logo se sentem desmotivados a permanecer, são pessoas trabalhadoras que cumprem uma longa jornada de trabalho e sentem-se cansados para permanecerem na escola.

A EJA possui uma sala multiseriada e muitas vezes há conflitos de gerações dentro destas turmas, pois são idades diferentes, pessoas diferentes e atitudes diferentes. O professor da EJA tem que ser sensível e saber identificar

no educando as características dos estudantes, pois dependendo do seu perfil, o professor pode estar contribuindo também na evasão escolar.

Um dado relevante observado na pesquisa é o interesse dos educandos pelas aulas, relataram estarem satisfeitos com tudo na escola, mas sentem a necessidade de os professores criarem metodologias mais atrativas que diminua as dificuldades de compreensão dos conteúdos, e, ainda trouxeram como forma de desabafo a questão de por vezes sentirem a falta de paciência de alguns professores com os educandos que apresentam dificuldades, ou até mesmo o desinteresse desses professores na educação de Jovens e Adultos. Contudo, é obvio que a EJA tem um papel fundamental na vida desses educandos. É necessário que cada dia mais haja professores qualificados e metodologias atrativas e significativas como as que as tecnologias digitais podem oportunizar para a educação dos sujeitos da EJA.

3 CAPÍTULO II – PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Toda investigação necessita de uma forma crítica de realizá-la em conformidade com os objetivos desejados e determinados como condutores do processo investigativo. Para tanto, foi necessário realizar uma pesquisa sobre o tema, visto que este se constitui num caminho para compreender determinado fato de modo inteiro, ou seja, o método é toda a ação teórica e prática que nos conduz objetivamente tendo como características a possibilidade de ser reproduzível mensurável e refutável ou não.

Foi utilizado uma pesquisa de abordagem qualitativa que representa uma forma de compreender uma situação pela análise de todas as circunstâncias sociais que possam estar envolvidas no assunto investigado. Buscar inspiração nesta abordagem foi dar-se conta que ela se fundamenta por suas categorias de análise: historicidade, totalidade e contradição, as quais permitem observar todos os ângulos de um mesmo fenômeno e por isso toda sua complexidade.

De acordo com as considerações de Gil (2002) a pesquisa qualitativa pode ser definida como:

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. (GIL, 2002, p.17)

Na mesma vertente, Bogdan e Biklen (1994) consideram que a pesquisa qualitativa:

Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. Os investigadores introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 47).

Percebemos que a pesquisa qualitativa visa representar a realidade pesquisada procurando dar sentido e significado ao tema estudado.

O primeiro passo da pesquisa foi o debruçar-se sobre os referenciais bibliográficos. Nesta direção considera Gil (2002) que uma pesquisa bibliográfica:

[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p.44)

Percebemos que a pesquisa bibliográfica nos possibilita encontrar respostas através de leituras para realizarmos uma nova pesquisa, visto que todo o material produzido anteriormente nos proporciona seguir uma nova busca partindo do que já está comprovadamente pesquisado e esclarecido, e desta forma nos possibilita seguir a busca por novos conceitos para encontrarmos respostas para o tema que desejamos estudar mais profundamente.

Ao realizar uma pesquisa é necessário optar por um determinado tipo conforme a abordagem do tema inicialmente abordado. A referida opção deve-se à perspectiva de buscar atingir os objetivos inicialmente definidos de compreender o fenômeno em sua inteireza e não o fazer de modo fragmentado sob pena de tornar o trabalho algo amorfo, sem conteúdo e desconectado da realidade.

Neste trabalho de conclusão de Curso (TCC), optou-se por uma pesquisa de campo qualitativa compreendida como a prática de formulação de hipóteses, escolha dos sujeitos de pesquisa, realização de entrevistas e posterior análise do conteúdo de modo crítico com a finalidade de compreender uma situação em seus pilares mais profundos. Ou seja, possui a característica de possibilitar que o entrevistado pense e reflita sobre um assunto ou conceito unindo aspectos objetivos e subjetivos.

3.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

3.1.1 Pesquisa exploratória

Adotou-se a pesquisa do tipo exploratória, pois, esta atua mais perto do problema. O método usado se justifica pelo emprego de um levantamento bibliográfico, visando buscar informações sobre o tema proposto e investigar novos aspectos em relação ao tema.

Gil (2009, p. 41) afirma que pesquisa exploratória “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas, têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”.

3.1.2 Pesquisa explicativa

Também foi utilizada a pesquisa explicativa que, conforme GIL (1999, p.28) define como:

[...] aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente.

A pesquisa explicativa foi utilizada pois tem como objetivo descrever fatores que são determinantes no desencadeamento de certos fenômenos e também por buscar o aprofundamento do conhecimento da realidade visando explicar a razão e o porquê dos eventos.

3.2 FERRAMENTAS DA PESQUISA

3.2.1 Entrevista semiestruturada

A entrevista é um dos principais instrumentos de coleta de dados no campo das pesquisas sociais, realizando papel relevante nos estudos científicos. Segundo Bogdan e Biklen (1994), “a entrevista é utilizada para recolher dados

descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”.

De acordo com o que descreve Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focada em um assunto sobre o qual se é elaborado um roteiro com perguntas principais, e que são complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.

O instrumento de coleta de dados adotado nesta pesquisa foi a entrevista semiestruturada que foi aplicada aos estudantes da EJA das turmas T5 e T6 de uma Escola Municipal na cidade de São Luiz Gonzaga.

3.2.2 Sujeitos da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada com sete educandos da Escola Municipal Centenário localizada no município de São Luiz Gonzaga. Os participantes são os educandos das turmas T5 e T6 da EJA. Segundo Gil (2010, p. 96) a escolha dos participantes ocorre da seguinte forma:

Os participantes são escolhidos em função de apresentar características que possibilitem a investigação dos efeitos. Requer-se, portanto a seleção de um grupo de indivíduos portadores doença ou condição específica e um grupo de indivíduos que não sofrem da doença ou apresentam essa condição.

Dessa forma, os participantes desta pesquisa foram de ambos os sexos e de faixa etária variada, conforme a demanda da pesquisa, com a finalidade de chegar o mais próximo possível da resposta que almejamos.

3.2.3 Produção das Informações

Toda pesquisa possui como objetivo a produção de dados que, posteriormente, se tornarão base de informações ou resultantes de análise rigorosa. Conforme Minayo (2001, p.43), “devemos definir as técnicas utilizadas para a pesquisa de campo (revistas, observações, formulários, história de vida)”.

A produção de informações constitui um passo importantíssimo para o sucesso de qualquer investigação, pois, caso seja realizada de modo aleatório, os resultados se tornam inconclusivos.

O presente estudo ocorreu em dois momentos. Em primeiro lugar, foi realizada uma pesquisa bibliográfica relativa ao tema central, produzindo o referencial teórico que embasou o estudo. No segundo momento a pesquisa de campo a partir de entrevista semiestruturada. A entrevista permitiu aos sujeitos utilizar como base dez perguntas e, ao mesmo tempo, possibilitou discorrer livremente sobre o assunto abordado.

As entrevistas foram realizadas em uma sala de aula destinada ao atendimento em grupo com duração aproximada de 20 a 30 minutos foram realizadas em dois dias. Inicialmente, houve contato, via documento com solicitação de espaço para pesquisa emitido pela universidade e destinado a diretora da escola, informando-a sobre a pesquisa no que se refere ao objeto de estudo e os procedimentos para o desenvolvimento dela, para apresentar esclarecimentos e solicitar autorização para o início do trabalho.

Após o consentimento para realização das entrevistas foram agendadas com as professoras da T5 e T6 o dia e horário para as entrevistas. Todos os estudantes que participaram da pesquisa assinaram o termo de consentimento livre esclarecido. Cabe ressaltar que os sujeitos envolvidos foram identificados como Estudante I, Estudante II, Estudante III, Estudante IV, Estudante V, Estudante VI e Estudante VII.

3.2.4 Análise das informações

A turma em que foi realizada a pesquisa contava com 7 estudantes, sendo dois (2) do sexo masculino e com idade de 15 anos os dois, e, cinco (5) educandos do sexo feminino com a idade de 15, 16, 17, 18 e 44 anos.

No primeiro momento da observação dentro da sala de aula, fora possível verificar que os educandos não realizam atividades na sala de informática. Eles vão chegando aos poucos na escola, entre às 18h e 30min e 19 horas, com o transporte escolar, o qual é disponibilizado pela prefeitura da cidade de São Luiz Gonzaga. Eles ficam do lado de fora da sala de aula esperando até o momento de adentrar na mesma.

A professora regente chega na sala de aula, os cumprimenta e então começa as atividades da noite. Se ficou atividades do dia anterior, é realizado as correções das mesmas, sendo que a regente da turma trata todos iguais, mas com atividades propostas de diferentes níveis, devido a turma possuir estudantes com diferentes níveis de aprendizagens e faixa etária diversas. Em diálogo com a devida autorização da professora, alguns estudantes relataram que retornaram para escola por diversos motivos.

Na perspectiva já apresentada a pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995),

[...] não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo a medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p. 58).

Assim, as análises a seguir foram realizadas tomando como referência a análise dos conteúdos ancoradas na autora Laurence Bardin que considera que a análise de conteúdo se constitui em uma metodologia e pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda sorte de comunicações. “Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum”.

Sobre isso, Bardin (1977, p. 114) esclarece que a análise quantitativa se funda na frequência de aparição de certos elementos da mensagem, enquanto a análise qualitativa “[...] recorre a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir inferências; por exemplo, a presença (ou a ausência), pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição”.

Nesta direção, foi organizado alguns eixos de análise apresentados a seguir juntamente com a descrição dos estudantes entrevistados.

3.2.5 Estudantes da EJA e os usos das tecnologias em sua vida

Ao desenvolvermos a análise das informações produzidas, consideramos como elemento norteador a busca por desvelar as dificuldades e desafios dos

estudantes da Educação de Jovens e Adultos da T5 e T6 de uma escola Municipal da cidade de São Luiz Gonzaga em relação ao uso das tecnologias digitais. Objetiva-se, pois, descobrir como ocorre o uso das tecnologias digitais na turma T5 e T6 e quais as dificuldades e desafios enfrentados pelos educandos. Foi realizada uma entrevista com sete participantes, três (3) da totalidade 5 (T5) e quatro (4) estudantes da totalidade 6 (T6), que responderam a uma entrevista semiestruturada com 10 perguntas.

A realização da entrevista foi muito produtiva à medida que permitiu a ocorrência de algo não tão rotineiro, ou seja, criar espaços de fala aos estudantes da EJA. Tanto se teoriza sobre suas características, mas pouquíssimas vezes se oportuniza aos próprios sujeitos falarem sobre seus sentimentos em relação a estar na escola e poderem participar da pesquisa, oportunizando-os a refletir sobre a importância das tecnologias digitais no que se refere a educação e como as tecnologias digitais podem auxiliar para uma melhor metodologia de ensino visando uma melhora significativa no aprendizado e na vida dos educandos.

Alguns deles sentiram a necessidade de relatar que retornaram à escola pois percebem a necessidade de concluir os estudos para melhores oportunidades de trabalho, uma das estudantes relatou que adora matemática. Um estudante em questão, veio estudar na EJA porque foi convidado a se retirar da escola onde estudava e a diretora o aconselhou a estudar na EJA. Outra aluna relatou que já dirige, porém, não possui CNH e o sonho dela é poder tirar a CNH e não depender mais de ninguém quando precisar. Uma senhora relatou que gosta muito de ler e de matemática, e também que voltou a estudar para dar exemplo para os filhos e auxilia-los quando necessário. Cinco estudantes relataram conseguir participar das aulas, porém, às vezes necessitam de auxílio, pois trocam algumas letras e possuem um pouco de dificuldade de aprendizagem.

Desse modo, além do mapeamento das turmas em questão, optamos pela abordagem da pesquisa com questionamentos norteadores a respeito da temática desenvolvida neste trabalho.

Salientamos a décima pergunta: O uso das tecnologias digitais pode ser um meio de inclusão ou exclusão na sua visão? Por quê?

A primeira questão com o objetivo de conhecer melhor os estudantes se refere aos seus dados pessoais, como nome, idade, turma, ocupação, sexo, estado civil e com quem residem.

Identificação		
Estudante I Idade: 15 anos Turma: T5 Ocupação: Estudante Sexo: Masculino Estado civil: Solteiro Com quem você mora: Com os Pais	Estudante II Idade: 15 anos Turma: T5 Ocupação: Estudante e trabalha como auxiliar de servente Sexo: Masculino Estado civil: Solteiro Com quem você mora: Mora com os pais	Estudante III Idade: 15 Anos Turma: T5 Ocupação: Estudante Sexo: Feminino Estado civil: Solteira Com quem você mora: Mora com os pais
Estudante IV Idade: 44 anos Turma: T6 Ocupação: Diarista Sexo: feminino Estado civil: Solteira Com quem você mora: Mora com os filhos	Estudante V Idade: 17 anos Turma: T6 Ocupação: Nenhuma Sexo: Feminino Estado civil: Namorando Com quem você mora: Mora com a mãe e irmão	Estudante VI Idade: 16 anos Turma: T6 Ocupação: Estudante e auxiliar de confeitaria (faz frios com a mãe) Sexo: Feminino Estado civil: Solteira Com quem você mora: Vó
Nome: Estudante VII Idade: 18 anos Turma: T6 Ocupação: Estudante e faz o que aparece (faxina, cuida criança, faz entregas de correspondência) Sexo: Feminino Estado civil: Solteira Com quem você mora: Mora com os pais		
Quais as tecnologias digitais você faz uso?		
Estudante I Televisão, computador, celular, videogame	Estudante II Celular	Estudante III Celular e televisão
Estudante IV Telefone e televisão	Estudante V Celular	Estudante VI Celular e TV
Estudante VII Celular e TV		

Você tem acesso à internet em casa? Qual é o uso que você faz?		
Estudante I Sim. Assisto filmes e series, também uso para realizar as atividades da aula, ver notícias, previsão do tempo, pesquisar no <i>google</i> .	Estudante II Tenho. Uso <i>whatsapp</i> e TIKTOK.	Estudante III Sim, tenho. Eu uso a internet para fazer as atividades da escola e para o face.
Estudante IV Sim, utilizo o <i>google</i> para procurar as atividades e copio no caderno Gosto do Face.	Estudante V Sim, uso no Face, no WhatsApp, Instagram, TIK TOK, Netflix, Youtubers, Blogs, Séries e filmes.	Estudante VI Sim, utilizo o Instagram, WhatsApp, Tik Tok, Cap Cut
Estudante VII Sim, tenho. Chamadas e passatempo no celular e na TV.		
Você tem acesso as tecnologias digitais na escola? De que forma?		
Estudante I Não, só celular. No momento não estão utilizando os computadores que a escola tem na sala de informática.	Estudante II Não, só tenho meu celular, mas não uso ele na aula.	Estudante III Não, este ano não estamos indo nos computadores. O ano passado a escola deu um curso de mexer no computador.
Estudante IV Sim, usando os computadores da sala de informática. Mas esse ano não usamos ainda.	Estudante V Sim, no meu celular, uso a internet da escola.	Estudante VI Sim, uso o meu celular e a tv da sala.
Estudante VII Sim, tenho, pelo celular e a tv que está conectada na internet.		
Você tem conhecimento sobre as tecnologias digitais? Sabe utilizar?		
Estudante I Sim, mas só sei lidar no celular.	Estudante II No celular sim. Sei mexer no meu celular.	Estudante III Sim, tenho, mas não sei utilizar direito, somente nos aplicativos do celular.

Estudante IV Somente usando os computadores da escola	Estudante V Mais ou menos	Estudante VI Sim, sei o básico, bem pouco.
Estudante VII Sim, tenho um pouco, utilizo vários aplicativos. Face, WhatsApp.		
Quais os desafios e dificuldades que você encontra com o uso das tecnologias digitais?		
Estudante I Todos os imagináveis, só sei os recursos básicos.	Estudante II Não tenho desafios, mas só sei mexer no meu celular.	Estudante III Não tenho desafios, não uso computador, só sei usar meu celular para entrar nos aplicativos. Face, Google, esses assim.
Estudante IV Tenho muitos desafios e muita dificuldade, por vezes a professora traz na folha o que tenho que pesquisar, daí eu copio no caderno. Meu filho me ajuda a procurar na internet o que a professora pede, mas eu procuro e demoro para encontrar. Quando estou sozinha eu canso de tentar.	Estudante V Nenhuma	Estudante VI Sim, tenho, aqueles trabalhos que tem arquivo em pdf.
Estudante VII Eu sei fazer o básico, encontrar e mexer nos aplicativos.		
Como a escola utiliza as tecnologias digitais?		
Estudante I Para passar os trabalhos, olhamos na televisão e para passar informações.	Estudante II Pela TV, usa a internet para assistir conteúdos.	Estudante III Este ano estamos usando somente a televisão, para assistir os conteúdos que a professora quer trabalhar
Estudante IV	Estudante V Celular e computador	Estudante VI

Nos computadores, mas este ano não estamos indo na sala de informática. No ano passado fizemos um curso para aprender usar o computador, mas não sei usar sozinha.		Usa a TV para assistir Vídeos sobre o conteúdo abordado
Estudante VII Tem os PC, mas a escola não utiliza eles, usamos apenas uma tv como tecnologia.		
Na escola é utilizado a sala de recurso e Informática?		
Estudante I Não	Estudante II Não	Estudante III Não
Estudante IV Não	Estudante V Sim	Estudante VI Eu não uso
Estudante VII Não é utilizado o recurso		
Você acredita que as tecnologias digitais podem auxiliar na aprendizagem dentro e fora da escola?		
Estudante I Sim, porque tem bastante sites	Estudante II Sim	Estudante III
Estudante IV Sim, procurando no celular os conteúdos	Estudante V Sim, porque a maioria das coisas que a gente quer saber está ali.	Estudante VI Sim, porque dá para aprender
Estudante VII Sim, eu aprendo várias coisas que na escola não ensinam. É fácil ter acesso a informações importantes para o aprendizado. O Google é uma tecnologia que nos permite fazer pesquisa de qualquer conteúdo.		
O uso das tecnologias digitais pode ser um meio de inclusão ou exclusão na sua visão? Por quê?		
Estudante I É bom ter conhecimento, porque para alguns empregos é fundamental ter conhecimento, e as	Estudante II Não sei	Estudante III Sim, de exclusão principalmente. Porque a gente não tem muito

<p>tecnologias nos permite ampliar nosso conhecimento. Os professores não passam as matérias e se soubermos as coisas poderemos ser capazes de disputar com igualdade. Acredito que as duas coisas podem acontecer, quem tem acesso às tecnologias pode ampliar seus conhecimentos e quem não tem será deixado para lá, não vai ter vez.</p>		<p>conhecimento e nos dias de hoje é necessário ter bastante conhecimento para poder competir, para conseguir um emprego bom. A gente já tem dificuldade para estar na escola e entender as matérias. Não sei usar essas coisas, mas aprendi mexer no meu celular e gosto dos aplicativos, mas nem sempre tenho internet, daí não dá para pesquisar.</p>
<p>Estudante IV Sim, de inclusão porque se tivermos domínio dos conteúdos, das tecnologias digitais poderemos ser incluídos, quer seja num emprego ou na escola. Porque as tecnologias podem nos auxiliar a ampliar nosso conhecimento.</p>	<p>Estudante V São os dois</p>	<p>Estudante VI Inclusão, porque é muito mais fácil de estudar e fazer trabalhos online e assim não se atrasar na escola. Porque você vai estar na frente.</p>
<p>Estudante VII Sim, pode ser para aqueles que tem acesso à internet, e para aqueles que não tem acesso à internet. O acesso traz mais conhecimento para quem sabe utilizar. E quem não tem fica abaixo das pessoas que tem o conhecimento da internet.</p>		

3.2.6 Recursos tecnológicos utilizados

Cada vez mais as tecnologias digitais vêm ganhando espaço no mundo, visto que se encontram presentes no cotidiano da sociedade atual de maneira facilitada, através de um toque ou “*touch*”. O telefone celular, os computadores, televisão e videogame fazem parte da vida dos indivíduos que, ao passo dos avanços tecnológicos, se atualizam e se contextualizam com o meio. Seja dentro de casa, na escola ou no ambiente profissional, a tecnologia da informação já se faz presente e necessária na vida das pessoas.

Conforme destaca Viana (2004, p. 11), “a informação deixou de ser uma área ou especialidade para tornar-se uma dimensão de tudo, transformando profundamente a forma como a sociedade se organiza”. A escola desempenha na sociedade moderna um espaço de formação de todas as pessoas, e não apenas das gerações mais jovens. [...] as atividades cotidianas mais comuns são possíveis graças às tecnologias disponíveis, as quais estão muito próximas e presentes. (ALMEIDA, 2019, p.02).

Em vista dessa globalização tecnológica que abrange todos os polos da sociedade, desde os sujeitos mais jovens, até os adultos e idosos, buscamos saber, por meio do segundo questionamento, quais as tecnologias digitais que os estudantes entrevistados da EJA fazem uso. Ao serem questionados, os estudantes demonstraram não possuírem muito conhecimento sobre o que são tecnologias digitais, percebemos que para eles tecnologia digital é a internet. Após citar alguns exemplos de tecnologia digital, os estudantes compreenderam o que a pergunta estava indagando.

Desta forma, seis (6) estudantes elencaram o celular como tecnologia digital que fazem uso e um (1) utilizou o termo “telefone” (referindo-se ao celular), quatro (4) relataram fazer uso da televisão como tecnologia digital e utilizam como forma de aquisição de informação e entretenimento. Um estudante relatou fazer uso do computador na escola, porém, somente no ano passado (este ano não foram na sala de informática). Um estudante relatou utilizar *videogame* como tecnologia digital, este indivíduo demonstrou ter conhecimento sobre meios de tecnologia digital e foi o único a citar mais de dois equipamentos de tecnologia digital.

É notório que as tecnologias digitais estão presentes na vida de todos os participantes da entrevista, seja pelo acesso pessoal ou pelo acesso coletivo

através do computador da escola. Constatamos que a era tecnológica está fortemente conectada à sociedade atual e que além de entretenimento, diversão e passatempo, deve ser utilizada como recurso pedagógico dentro das salas de aula, como evidenciado pelo estudante ao se referir à sala de informática.

Seguindo as análises da entrevista, a terceira questão teve por objetivo identificar se os estudantes possuem acesso à internet em casa e qual é o uso que os mesmos fazem desta tecnologia. Ao analisarmos as respostas, pode-se observar que todos os estudantes relataram ter acesso à internet em casa e utilizam para assistir filmes e séries (2 estudantes), para realizar as atividades da aula (3 estudantes), ver notícias, previsão do tempo, pesquisar no Google (2 estudantes), WhatsApp (3 estudantes) e TIKTOK (4 estudantes), o Facebook (3 estudantes), a Netflix, You-tube, Blogs, o Instagram, Cap Cut, e ainda utilizam para realizar chamadas e passatempo no celular e na TV.

Compreendemos que cada vez mais os estudantes:

[...] aceitam a tecnologia, sem medo, e assim têm mais experiências para criar estratégias a fim de lidar com ela. Tem tudo o que precisam para se comunicar com qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, sem ter de sair de casa: televisão, correio eletrônico, computadores, blogs, telefones celulares com inúmeras funções, telas interativas, software social, comunidades virtuais. (SILVA, 2012, p.15).

Percebemos que o uso da internet é de uso de todos os estudantes e que os mesmos utilizam para variados fins, e que de sete estudantes, somente três relataram utilizar a internet para fazer atividades escolares.

3.2.7 Utilização das tecnologias na escola

Sabemos que o mundo tecnológico está cada vez mais presente na sociedade moderna e exige dos seus usuários constante atualização na utilização desses recursos atrelados à tecnologia. Na escola não é diferente, já que os recursos tecnológicos estão presentes no ambiente educacional e devem ser utilizados como forma de intervenção pedagógica proporcionando novas aquisições de habilidades e saberes para os alunos. Dessa forma, o professor deve saber mediar esse ensino e oportunizar à turma momentos de inclusão às novas tecnologias, auxiliando no conteúdo escolar.

Os docentes podem utilizar os recursos digitais na educação, principalmente a internet, como apoio para a pesquisa, para a realização de atividades discentes, para a comunicação com os alunos e dos alunos entre si, para integração entre grupos dentro e fora da turma, para a publicação de páginas web, blogs, vídeos, para a participação em redes sociais e entre muitas outras possibilidades. (MORAN, 2000, p.36).

Como evidenciado, a tecnologia digital está presente em espaços escolares e não-escolares e, tratando-se da escola, questionamos aos estudantes se eles possuem acesso às tecnologias digitais na escola e de que forma eles utilizam as mesmas. 3 estudantes responderam que não possuem acesso às tecnologias digitais na escola, que utilizam a internet somente no celular e que no momento não estão utilizando os computadores que a escola possui na sala de informática e 4 relataram que sim, que possuem acesso à internet, mas somente pelo celular e destes, 3 relataram utilizar a internet da escola nos seus celulares, sendo que 2 ressaltaram que a televisão está conectada na internet oportunizando acesso a vídeos e documentários que auxiliam nas atividades. Uma estudante ressaltou que este ano não estão tendo acesso aos computadores, entretanto, no ano passado a escola ofertou um curso de informática para as turmas.

Ao analisarmos esta questão, percebemos na fala dos estudantes que eles utilizam a internet da escola somente através do celular e que a internet da escola também é utilizada para assistir televisão, mas que lamentam não aproveitarem a sala de informática para realizarem pesquisas e, assim, ampliar as possibilidades de aprendizagem.

Como recurso pedagógico, a utilização das salas de informática atreladas aos computadores e o uso da internet pode melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, bem como colocar o aluno como protagonista e construtor do seu próprio saber, visto que o professor se torna mediador entre aluno, computador e o conhecimento obtido.

(...) os meios informatizados são como ambientes nos quais a mente humana encontra espaço para dialogar consigo mesma, assim como para facilitar a organização e sistematização do processo de construção do conhecimento. Os computadores são então meios nos quais se desenvolve o pensamento crítico e reflexivo, na forma concebida por Vigotsky. É possível, portanto considerar os conceitos

de mediação da aprendizagem e de zona proximal nestes ambientes. (MATTA, 2002, p.08).

Como a sociedade está mudando, a escola precisa se adequar à realidade social e tecnológica vivenciada. Em vista disso, os recursos disponíveis aos professores, como TV, computador, *chrome book*, entre outros recursos tecnológicos devem ser utilizados de maneira benéfica, contextualizando o aluno com o mundo globalizado e digital.

Seguindo em busca das informações que norteiam esta pesquisa, perguntou-se aos estudantes na quinta questão se eles possuem conhecimento sobre as tecnologias digitais e se sabem utilizar. 5 estudantes responderam que sim (somente no celular) e destes, 2 relataram não saber utilizar direito, obteve-se outras respostas como: mais ou menos, sei o básico, bem pouco.

Percebe-se nesta questão que os estudantes afirmam saber utilizar as tecnologias digitais, mas ao indagar se os mesmos possuem domínio em lidar com as tecnologias, logo notamos que os mesmos apresentam insegurança e dificuldades, mostrando saber utilizar as tecnologias no celular e de forma bastante limitada, como nos relata o Estudante III na seguinte fala:

- “Mas não sei utilizar direito, somente nos aplicativos do celular”.

Nesse contexto, é preciso lembrar que incorporar as tecnologias digitais na educação não se trata de utilizá-las somente como **meio** ou **suporte** para promover aprendizagens ou despertar o interesse dos alunos, mas sim de utilizá-las com os alunos para que construam conhecimentos **com** e **sobre** o uso dessas TDICs. (BRASIL, 2018).

Além de ensinar os estudantes a como utilizar essas tecnologias, aplicativos e mídias digitais de forma crítica e reflexiva, cabe aos professores trabalharem conceitos relacionados a esse mundo da internet, como o *cyberbullying*, as *fake News*, segurança de rede e privacidade, ensinando para a vida em sociedade e enfatizando o respeito entre os usuários, bem como a construção de conhecimento coletivo.

Verifica-se ao analisar esta questão que existe uma contradição nas respostas dos estudantes, pois dizem saber lidar com a tecnologia digital, mas

quando lhe é perguntado se possuem domínio, encontram-se com limitações e dificuldades.

Dando continuidade à pesquisa, perguntou-se aos estudantes na sexta questão quais os desafios e dificuldades que os educandos encontram com o uso das tecnologias digitais. As respostas foram variadas, como por exemplo:

- “Todos os imagináveis, só sei os recursos básicos”.
- “Não tenho desafios, não uso computador, só sei usar meu celular para entrar nos aplicativos. *Face, Google*, esses assim”.
- “Tenho muitos desafios e muita dificuldade, por vezes a professora traz na folha o que tenho que pesquisar, daí eu copio no caderno. Meu filho me ajuda a procurar na internet o que a professora pede, mas eu procuro e demoro para encontrar. Quando estou sozinha eu canso de tentar”.

Percebe-se nesta questão que os estudantes relatam possuírem desafios e dificuldades e outros que dizem não ter nenhum desafio ou dificuldade, mas que só sabem lidar no celular e só sabem fazer o básico, como mexer nos aplicativos.

Compreendemos pelas falas obtidas que além do acesso, os sujeitos precisam de uma maior ambientação e formação para a utilização das tecnologias digitais. “Isso aconteceria através um mediador (em muitos casos, o professor), que deveria estar qualificado para isso, promovendo a aquisição de saberes e conhecimentos através das experiências de seus estudantes com as TICs”. (BERTOCHE, 2017, p. 27).

[...] iniciativas de inclusão digital são aquelas que visam oferecer à sociedade “os conhecimentos necessários para utilizar com um mínimo de proficiência os recursos de informática e de telecomunicações existentes e dispor de acesso físico regular a esses recursos”. A inclusão digital se assemelha, portanto, à ideia de alfabetização digital, numa equivalência com a perspectiva da alfabetização no processo de inclusão social, voltando o foco para aqueles que também se encontram no próprio contexto de exclusão social, acrescentando a temática da tecnologia digital no sentido de somar esforços para atenuar essa diferença. (CABRAL FILHO, 2006. p.110).

Através dessa inclusão digital o estudante conseguirá adquirir conceitos e experiências úteis para a sua vida em sociedade, bem como desenvolverá o seu conhecimento além dos recursos básicos de aplicativos do telefone celular.

Na questão sete foi perguntado aos estudantes da T5 e T6 como as tecnologias digitais são utilizadas na escola. Como resposta, os estudantes enfatizaram que este ano estão usando somente a televisão para assistir os conteúdos que a professora deseja trabalhar. Uma estudante relatou que a escola possui uma sala de informática com computadores, mas este ano não estão frequentando. Relatou que no ano passado fizeram um curso para aprender a usar o computador, mas relata não saber usar sozinha. Os estudantes (2 deles) relatam usar a TV para assistir vídeos sobre o conteúdo abordado. Percebemos na fala da sétima estudante que relata que na escola há os *PCs*, mas a escola não os utiliza, usam apenas uma tv como tecnologia.

Se há recursos tecnológicos que podem auxiliar na aprendizagem significativa dos estudantes, por que não os utilizar? Esses recursos, se usados de maneira adequada, inteligente e inovadora, contribuem para a formação crítica, integradora e social do grupo.

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018)

Seguindo a entrevista com os estudantes da T5 e T6, a oitava pergunta visa identificar se a Escola utiliza a sala de recurso e informática para proporcionar aprendizagens significativas para os estudantes. Dos 7 estudantes que responderam a entrevista, 6 responderam “não” e somente um estudante respondeu que sim. Percebe-se nesta pergunta que embora a escola possua sala de recurso e de informática, não estão utilizando este recurso, fato lamentável, visto que poderia ampliar significativamente o processo de aprendizagem das Turmas T5 e T6.

Os computadores da sala de informática podem auxiliar no desenvolvimento de competências dos indivíduos e intensificar a fixação dos conteúdos a serem trabalhados, visto que é uma forma diferenciada de se trabalhar conteúdos mais complexos, seja através de jogos, dinâmicas, pesquisas na web ou no desenvolvimento de atividades que estejam atreladas a redes sociais e que se aproxima da realidade do estudante.

O professor tem que estar capacitado para atuar nestes momentos, e também ter condições de pensá-los no contexto geral do seu trabalho. A educação hoje, já não pode mais manter-se somente como acadêmica ou profissionalizante, por isso necessitamos de professores que conheçam o sistema produtivo e principalmente as inovações tecnológicas. (SAVIANI,1991, p. 18).

Entendemos que além da oferta de acesso aos estudantes, o professor deve estar atento às inovações tecnológicas e buscar constante capacitação e inovação em suas intervenções pedagógicas, propiciando a inclusão digital facilitada.

3.2.8 Visão dos estudantes sobre o uso das tecnologias digitais

É inegável que o papel do professor como mediador do conhecimento é importantíssimo para a transmissão de saberes relativo ao conteúdo abordado. A didática escolhida relativa às intervenções pedagógicas utilizadas fará total diferença no sucesso ou insucesso da aprendizagem dos alunos. Mas será que na visão dos estudantes, a utilização das tecnologias como intervenção didática e pedagógica inclui ou exclui o aluno socialmente?

Seguindo esse pensamento, procuramos identificar se os estudantes acreditam que as tecnologias digitais podem auxiliar na aprendizagem dentro e fora da escola. Obteve-se como resposta unânime a afirmativa do “sim”, que as tecnologias digitais podem auxiliar na aprendizagem dentro e fora da escola, como nos relata a VII educanda: “Sim, eu aprendo várias coisas que na escola não ensinam. É fácil ter acesso a informações importantes para o aprendizado. O *Google* é uma tecnologia que nos permite fazer pesquisa de qualquer conteúdo.

Na busca por uma resposta à questão que norteia esta pesquisa, perguntamos aos entrevistados se o uso das tecnologias digitais pode ser um meio de inclusão ou exclusão para eles e o porquê desta resposta. A maioria dos entrevistados responderam que a tecnologia digital é uma forma de inclusão, já que permite ampliar conhecimentos. Por outro lado, alguns estudantes responderam que há exclusão social, devido à dificuldade no acesso e no manuseio da tecnologia digital em celulares, computadores e aplicativos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou analisar que as novas tecnologias digitais estão trazendo desafios pedagógicos para as escolas e espaços escolares. Por esses ambientes serem formativos, devem auxiliar, incentivar e motivar os professores a abandonar metodologias tradicionais e usar novas metodologias em sala de aula, pois a integração das TDCs nesses espaços, promovem a melhoria no processo educativo.

Na educação, muito precisa ser feito, pois a tecnologia requer um olhar mais abrangente, envolvendo novas formas de ensinar e de aprender, conduzindo uma aprendizagem mais significativa. Nesse contexto fica claro que este estudo contribui para a formação de professores e seu futuro ambiente de trabalho, onde será preciso compreender as TDCs.

No que diz respeito à educação tecnológica e a EJA, há muito o que fazer por parte do Estado e das políticas públicas, visto que a educação para jovens e adultos não atende à sua clientela de forma satisfatória e adequada. Esses grupos minoritários devem ser incluídos e ensinados para a vida em sociedade, dessa forma, os conteúdos ministrados devem ser atrelados à realidade social e cultural de cada sujeito. Os estudiosos SACRISTÁN, PERÉZ GÓMEZ, 2000; SACRISTÁN, 1998; SANTOMÉ (1998) afirmam que a problemática surge dentro do próprio currículo escolar, visto que as matrizes sofrem influência direta de culturas hegemônicas que predominam sobre os grupos sociais minoritários, marginalizados e sem voz.

Dessa forma, podemos evidenciar que o papel escolar é justamente promover tal mudança vinda de uma reformulação de sua matriz curricular, para que se tenha uma harmonização a respeito das vozes e visibilidade cultural que é dada aos diferentes agrupamentos que compõem a comunidade acadêmica. Além disso, o professor possui uma grande importância nesse papel, sendo ele o agente intermediador entre o conhecimento, a problemática e também o aprendizado do estudante executando o papel de reforçar ao educando a importância que a diversidade cultural e uma redistribuição da visibilidade dentro deste setor têm dentro da sociedade.

Logo, tratando-se de um ensino de jovens e adultos, a educação passa a ter um caráter que se terá como base toda a construção cultural e individual que

o ator social já terá formulado durante toda a sua vivência, fazendo assim com que as práticas pedagógicas e educativas se mostrem cada vez mais insistentes.

Dessa forma, as aulas terão como objetivo proporcionar ao estudante a apropriação da cultura e história do tema que será trabalhado, visando à formação humana em amplas dimensões através de estudos das práticas corporais, conscientizando o estudante sobre seu próprio corpo, e incentivando-o a autonomia dos processos corporais. (CAETANO; SANTOS, 2011).

É por meio da inclusão social e dos aspectos socioculturais que poderemos sensibilizar os indivíduos a lutarem pelos seus direitos, a ter voz e a mudarem seu comportamento perante a exclusão social vivenciada por muitos grupos. De um modo geral, a busca por um ensino de qualidade permite a integração social atrelada aos recursos tecnológicos, pois eles favorecem a interdisciplinaridade, a ampliação de informação diante da pesquisa e consequentemente possibilita uma maior autonomia aos estudantes.

Ao realizarmos as entrevistas, concluímos que há a necessidade na sala de aula de se utilizar todos os recursos disponíveis, transformando a aula em um momento mais significativo, lúdico e interessante. Nota-se como é importante o uso da internet, computador, redes sociais, vídeos, entre outros, que propiciam a inteligência coletiva dos estudantes estimulando e ampliando seu conhecimento.

Os resultados obtidos com a pesquisa apontam que as tecnologias digitais, mesmo que de forma limitada, estão presentes no cotidiano dos estudantes da EJA e que seus usos ocorrem para diferentes fins, mas, sobretudo, de entretenimento. Por outro lado, foi possível constatar também que os sujeitos que frequentam essa modalidade de ensino têm a percepção de que tais usos nas práticas pedagógicas podem contribuir para a construção de diferentes conhecimentos, inclusive escolares.

Percebemos com a realização deste trabalho que a maioria dos estudantes que participaram da pesquisa acreditam que a tecnologia digital é uma forma de inclusão, já que permite ampliar conhecimentos. Por outro lado, alguns estudantes responderam que há exclusão social, devido à dificuldade no

acesso e no manuseio da tecnologia digital em celulares, computadores e aplicativos.

Apesar de respostas distintas, sabemos que o acesso às tecnologias digitais deve ser ensinado de forma didática e prática, oportunizando aos estudantes da EJA a possibilidade de desenvolver o seu próprio conhecimento, autonomia, reflexão e crítica sobre o mundo que o cerca.

Dessa forma, saber utilizar esses recursos tecnológicos contribuem significativamente para que os estudantes sejam incluídos no mercado de trabalho e participem ativamente da vida social.

Neste sentido, a escola juntamente com a coordenação e equipe de professores deve adequar-se às mudanças e buscar uma educação que se assemelhe à realidade dos alunos, promovendo igualdade social e inclusão digital, visto que “se a sociedade está mudando de forma tão rápida a escola não pode esperar, precisa se destacar, conhecer e explorar as preferências e interesses de sua clientela. Incluir a mídia em seu espaço acadêmico é uma forma de fazer o diferencial”. (GUARESCHI, 2005, p.33).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rozelaine Rubia Bueno. **A percepção dos alunos sobre o uso da internet na sala de aula.** Disponível em: file:///C:/Users/Adm/Downloads/EIXOS.pdf. Acesso em: 24mai 2023.

ANTONIO, José Carlos. **Uso pedagógico do telefone móvel (Celular).** Professor Digital, SBO, 13 jan. 2010.

BERTOCHÉ, Claudia Beatriz Neitzke. **Desafios e possibilidades da inclusão digital na educação de jovens e adultos:** dos (des)usos do laboratório de informática.

BONILLA, Maria Helena Silveira. **Escola Aprendente:** desafios e possibilidades postos no contexto da Sociedade do Conhecimento. Salvador, 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia.

_____. **Escola aprendente:** para além da sociedade da informação. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 22 mai. 2023.

CABRAL, A. **Sociedade e tecnologia digital:** entre incluir ou ser incluída. Disponível em: <<http://www.ourmedianet.org/papers/om2004/Cabral.om4.port.pdf>>. Acesso em: 22mai, 2023.

CAETANO, S; SANTOS, M. **A educação física na educação de jovens e adultos.** Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/88153999/educacao-fisica-na-educacao-de-jovens-e-adultos-um-relato-de-experiencia>. Acesso em: 22mai, 2023.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, v. 1, 2002.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, Formação dos Professores e Globalização.** Questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FELICIANO, C.B; FERREIRA, D.O; DELGAGO, OC. **O perfil e os desafios enfrentados pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos EJA.** Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/o-perfil-e-os-desafios-enfrentados-pelos-alunos-da-educacao-de-jovens-e-adultos-eja.pdf>. Acesso em: 23mai, 2023.

Freire, Paulo – **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. 12. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2010.

GUARESCHI, Pedrinho A; **Midia educação e cidadania: Tudo o que você deve saber sobre a mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

JARDELINO, J. R. L.; ARAÚJO, R. M. B. **Educação de jovens e adultos: sujeitos, saberes e práticas**. São Paulo: Cortez, 2014.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Editora Papyrus. 2012.

LOPES, E. J.; AMORIM, R. M. (orgs.). **Paulo Freire: culturas, ética e subjetividades no ensinar e aprender**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.

MATTA, A.E.R. **Projetos de autoria hipermídia em rede: ambiente mediador para o ensino-aprendizagem de História**. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 25., 2002. Anais... Caxambu: ANPEd, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, M. C. **Subsídios para Fundamentação do Programa Nacional de Informática na Educação**. Secretaria de Educação à Distância, Ministério de Educação e Cultura, Jan/1997.

MORAIS, R. de (org.) **Sala de aula – Que espaço é esse?** 7. ed. Campinas: Papyrus, 1994.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6ª ed. Campinas: Papyrus, 2000.

NUNES, C. M. F. **Saberes docentes e a formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira**. Revista Educação e Sociedade. Vol. 22, nº 74, abril 2001.

PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. In: Pimenta, S G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. 2ª ed. São Paulo. Cortez, 1999.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-crítica: Primeiras Aproximações**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SILVA, Renata Andrade da; YABUTA, Yukielle Ferreira. **O USO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Inclusão Digital e Alfabetização Midiática.** 2015. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: Acesso em: 23 mai. 2023.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, da pesquisa de Conclusão de Curso intitulada “**USOS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PRODUÇÃO DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO DIGITAL?**”.

A pesquisadora responsável por essa pesquisa é Salete Mendes de Oliveira, que pode ser contatada no telefone (55) 992162324 ou no endereço Rua Monsenhor Wolski 1401, Centro, São Luiz Gonzaga e e-mail saleteoliveira@uergs.edu.br

Será realizada a análise a partir dos discursos escritos nas questões produzidas ao longo da pesquisa, tendo como **objetivos**: Analisar as dificuldades e desafios dos estudantes da Educação de jovens e adultos e relação ao uso das tecnologias digitais; identificar quais as dificuldades e desafios enfrentados pelos estudantes da EJA em relação aos usos das tecnologias digitais; entender de que modo os docentes utilizam as tecnologias digitais nas suas práticas pedagógicas; reconhecer de que forma a escola e os docentes atuam com os estudantes que não possuem acesso as tecnologias digitais.

A **justificativa** dessa pesquisa é percebemos na atualidade a importância que as tecnologias digitais possuem na vida das pessoas e de forma especial na trajetória acadêmica dos estudantes. O desejo por este tema justifica-se por verificar a necessidade de identificar quais dificuldades os jovens e adultos possuem para que a inclusão digital ocorra de forma efetiva e quais desafios por eles enfrentados. Sendo assim, a pesquisa é importante, pois visa à compreensão destes aspectos essenciais para que a inclusão digital se faça presente na EJA e ajude a formar indivíduos capacitados para viver não só na sociedade comum, mas também na digital, viabilizando que os estudantes tenham mais oportunidades, visto que a vida de certa forma não foi muito “generosa” com muitos dos estudantes que estudam na EJA.

Poderão ser previamente agendados a data e horário para diálogos, utilizando entrevista semiestruturada e meios digitais se necessário, esses

procedimentos ocorrerão por meio de entrevistas na escola Centenário com as turmas T5 e T6 e via *email* ou *whatsapp*, se necessário.

Os **riscos** destes procedimentos serão mínimos, por envolver uma ação que será realizada na escola tomando todos os cuidados e seguindo os protocolos necessários para a realização da entrevista, e também utilizando dispositivos que tenham acesso à internet se for necessário.

Os **benefícios** e vantagens em participar deste estudo serão a contribuição com conhecimento para o desenvolvimento da pesquisa, experienciar situações de aprendizagem e reflexão sobre o tema, visando desenvolver um trabalho que auxiliará na reflexão acerca da importância do uso de tecnologias digitais na educação de Jovens e Adultos.

A pessoa que estará acompanhando os procedimentos será a pesquisadora Salete Mendes de Oliveira.

Todas as despesas decorrentes de sua participação nesta pesquisa, caso haja, serão ressarcidas. Danos decorrentes da pesquisa serão indenizados.

Você poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de despesa e constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para usar suas informações na produção de artigos técnicos e científicos, aos quais você poderá ter acesso. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.

Todos os registros da pesquisa estarão sob a guarda do pesquisador, em lugar seguro de violação, pelo período mínimo de 05 (cinco) anos, após esse prazo serão destruídos.

Normalmente, este termo de consentimento livre e esclarecido possui 2 (duas) páginas e é feito em 02 (duas) vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o participante da pesquisa. No entanto, ciente da necessidade de mantermos o isolamento social, nesta pesquisa o termo de consentimento livre e esclarecido será enviado por e-mail para cada participante, e este, deverá responder à este e-mail com a seguinte colocação: “Eu, _____, aceito o termo de consentimento livre e esclarecido e participarei da pesquisa.”

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Uergs (CEP-Uergs). Formado por um grupo de especialistas, tem por objetivo defender os interesses dos participantes

das pesquisas em sua integridade e dignidade, contribuindo para que sejam seguidos os padrões éticos na realização de pesquisas: Comitê de Ética em Pesquisa da Uergs – CEP-Uergs - Av. Bento Gonçalves, 8855, Bairro Agronomia, Porto Alegre/RS – CEP: 91540-000; Fone/Fax: (51) 33185148 - E-mail: cep@uergs.edu.br.

Nome do participante: _____

Assinatura do participante da pesquisa/responsável legal

Assinatura pesquisador

APÊNDICE – Questionário da Entrevista Semiestruturada

1- Identificação
2 - Quais as tecnologias digitais você faz uso?
3 - Você tem acesso à internet em casa? Qual é o uso que você faz?
4 - Você tem acesso às tecnologias digitais na escola? De que forma?
5 - Você tem conhecimento sobre as tecnologias digitais? Sabe utilizar?
6 - Quais os desafios e dificuldades que você encontra com o uso das tecnologias digitais?
7- Como a escola utiliza as tecnologias digitais?
8- Na escola é utilizado a sala de recurso e Informática?
9- Você acredita que as tecnologias digitais podem auxiliar na aprendizagem dentro e fora da escola?
10- O uso das tecnologias digitais pode ser um meio de inclusão ou exclusão na sua visão? Por quê?